

XUXA E CARNAVALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Tiago Martins da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Thalita Rocha Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ticiane Oliveira da Silva Caldas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Tendo em vista que as *fanfictions* constituem um dos diversos gêneros digitais emergentes na sociedade globalizada da qual participamos, este trabalho procura lançar um olhar para esse gênero discursivo, levando em consideração o conceito bakhtiniano de carnavalização. Mais especificamente, pretendemos investigar de que maneira o conceito de carnavalização pode se apresentar em narrativas ficcionais de fãs, as *fanfics*. Para isso, embasamo-nos, teoricamente, principalmente, em dois trabalhos de Bakhtin sobre o conceito de carnavalização: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1993) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010). Como corpus, utilizamos uma *fanfic* retirada do repositório Spirit Fanfics, intitulada “A história de Xuxa. Rainha dos baixinhos”, que aborda uma possível vida alternativa da artista. Nossa análise revelou a presença de um dos principais elementos da carnavalização nessa *fanfic*: a ambivalência. Em forma de constantes oposições, esse sentimento de confronto entre o certo e errado acompanha quase todos os elementos principais da história (re)elaborada pelo leitor em seu novo papel de autor.

Palavras-chave: Cultura. *Fanfics*. Gênero.

1 Introdução

Partindo do princípio de que a língua é utilizada em diversas esferas sociais, nota-se, hodiernamente, uma crescente quantidade de gêneros discursivos presentes na sociedade. Essa tendência é reforçada a partir do advento da internet, que propiciou um intenso fluxo de informação através do sistema de globalização impulsionado pelas redes dialógicas. À vista disto, é válido observar que a forma de interagir se modifica e se intensifica cada vez mais. Esse acentuado movimento de interação é realizado, principalmente, através das mídias digitais que desempenham a função de garantir o funcionamento dessa robusta engrenagem linguística e social em que operam essas grandes redes interconectadas mundialmente. Nesta perspectiva, temos como objetivo realizar uma aproximação dos aspectos inerentes ao gênero discursivo *fanfiction*, ficções de fãs, ao conceito de Carnavalização postulado pelo filósofo Bakhtin na obra “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”

(1993). Mais especificamente, pretendemos investigar de que maneira o conceito de carnavalização pode se apresentar em narrativas ficcionais de fãs, as fanfics.

Através dos seus estudos sobre a cultura popular na era medieval e na Renascença, Bakhtin lança mão do conceito de *carnavalização*, que o russo conceitua como “*transposição do carnaval para a linguagem da literatura*” (Bakhtin, 2010, p. CXXXIX). A partir disso, entendemos que o elemento da ambivalência, importante constituinte do fenômeno da carnavalização, é uma noção proeminente para a compreensão da *fanfiction* e, conseqüentemente, para o trabalho aqui desenvolvido.

À vista disso, ingressar no mundo das *fanfics* (como são abreviadas) é participar ativamente das interações contínuas com diversas temáticas e desdobramentos, é vislumbrar um mundo ficcional com especificidades que aguçam a leitura, as percepções do leitor, além de despertar o espírito criativo e imagético de quem se põe a ler e/ou escrever esse gênero tão fluido e encantador. Vale ressaltar que o *fanfiction* é um gênero inovador e fundamentalmente dialógico.

Este artigo se divide da seguinte maneira: após essa introdução, apresentamos nossa fundamentação teórica, composta pelas seções 2 e 3. Na seção 2, baseamo-nos na teoria dos gêneros do discurso postulada por Bakhtin (2003), a qual utilizamos para caracterizar a *fanfic* como um gênero discursivo. Na seção 3, são apresentadas as especificidades e configurações que o gênero digital *fanfic* apresenta ainda segundo a perspectiva bakhtiniana. Por conseguinte, dedicamos a quarta seção para a exposição do elemento específico eleito por nós e constituinte da teoria de carnavalização elaborada pelo autor: a ambivalência. Ambos os conceitos foram postulados pelo pensador russo nas obras “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (1993) e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2010). Em seguida, é na seção 5 que expomos a análise da *fanfic* selecionada em que observamos a correção do caráter ambivalente da carnavalização com o gênero em voga. Por fim, concluímos com uma reflexão sobre as formas emergentes de comunicação, num cenário em que tanto o texto quanto o sujeito diante dele podem ser ressignificados. Além disso, destacamos a abordagem atemporal de Bakhtin para com os gêneros, a exemplo dos discursos ambivalentes que atravessam nosso *corpus*.

2 Bakhtin e o conceito de gênero discursivo

A importância de Bakhtin para os estudos linguísticos pode ser observada, principalmente, na conceitualização do que ele nomeou de gênero do discurso, o qual está

intrinsecamente ligado à natureza social da linguagem. Para o filósofo russo, a dialogia é princípio constitutivo da realidade e de todo discurso.

A alteridade do indivíduo, ou seja, o princípio que dispõe o discurso sempre em relação ao outro, denota um diálogo sempre ativo e que busca a transformação. Isso permite que o sujeito seja percebido como não acabado, mas passível de interpretações infinitas. Nas palavras de Fiorin (2019): “O princípio geral do agir é que o sujeito atua em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e de seu princípio de ação” (FIORIN, 2019, p. 60). A dialogia é o princípio constitutivo do indivíduo que, para Bakhtin, sempre se posiciona crítica e socialmente. E é através desse seu posicionamento no mundo que produzimos enunciados. Por sua vez, o enunciado pode ser rapidamente aludido como a realização do texto, seja ele oral, escrito ou iconográfico.

Sendo assim, o contato humano deve ser visualizado como dialógico e a própria dialogia é princípio constitutivo da realidade. Entretanto, essa dialogia que permeia todos os discursos não se organiza de forma caótica. Ribeiro (2010) salienta que “de certo modo, há parâmetros sociais, seguidos de maneira ritualística, que acabam por oferecer o arsenal de escolhas possíveis para a interação verbal” (RIBEIRO, 2010, p. 2). Esses parâmetros são o que Bakhtin nomeia como gênero discursivo, conceituado por ele como “tipos relativamente estáveis de enunciados” do ponto de vista temático, estilístico e composicional (BAKHTIN, 2003, p. 262).

O conteúdo temático é o responsável pela organização discursiva, englobando aspectos dos âmbitos linguísticos/textuais, enunciativos e discursivos constitutivos do ato enunciativo. Nesse sentido, de acordo com Ribeiro (2010), o conteúdo temático “contemplaria aspectos peculiares ao sujeito, que participam diretamente da enunciação, como sua vontade, sua singularidade, conhecimentos semânticos construídos coletivamente nas práticas sociais” (RIBEIRO, 2010, p. 57). Portanto, esse pilar é indispensável para a sustentação dos gêneros discursivos, pois ele é responsável por ativar a memória discursiva do interlocutor, engendrando nele uma compreensão responsiva no ato da enunciação.

O estilo é entendido na perspectiva bakhtiniana em dois diferentes campos de atuação: um individual e outro coletivo. No campo individual, o sujeito da enunciação deixa expressas na composição de seus textos algumas de suas peculiaridades, como suas escolhas linguísticas, textuais, discursivas; coletivamente, tais escolhas são baseadas no contexto enunciativo, isto é, a seleção dos elementos linguísticos, textuais, discursivos giram em torno do gênero que demandará a situação comunicativa do sujeito. O filósofo russo enfatiza que “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros

do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 265), deixando explícito a importância dos estilos para a construção da atividade enunciativa dos sujeitos de linguagem.

A construção composicional, por sua vez, além de cumprir o papel imprescindível de sustentação dos gêneros do discurso, é responsável, também, por conceder ao gênero o acabamento necessário. Ao realizar esse aperfeiçoamento dos gêneros, as unidades composicionais atribuem aspectos estruturais que promovem diferenciação de gêneros diante de outros, isto é, esses vários tipos de acabamento fornecem aos gêneros do discurso características, equilíbrio e organicidade para cada parte constitutiva a que possui cada gênero, o que gera vários outros tipos de gêneros. Vale ressaltar que, segundo Ribeiro (2010), a construção composicional “é apropriada pela forma arquitetônica, que está vinculada com o ‘projeto de dizer’ do locutor, constituindo o aspecto por assim dizer técnico da realização do gênero[...]” RIBEIRO (2010, p. 60). Por esse motivo, a iminente necessidade de compreender o gênero, se dá, justamente, pela apresentação imbricada desses elementos basilares.

Portanto, os gêneros não se constituem de maneira estática e, sim, renovam-se a todo momento, o que deixa a claro o surgimento de uma expressiva quantidade de novos enunciados relativamente estáveis com o advento das mídias digitais. Partindo dessa perspectiva, observamos o surgimento gradual do reconhecimento das *fanfics* como um novo gênero digital originado por meio dessa crescente interação que conectam pessoas de forma global, na internet. Então, nos perguntamos: como as *fanfics* se caracterizam? Quem utiliza esse gênero? Como e por quais suportes ocorrem essas interações? É sobre esse gênero que nos debruçamos, a seguir.

3 Fanfic e cultura de fã

O termo *fanfic*, ou *fanfiction*, como a própria etimologia da palavra sugere, pode ser entendido como *ficção de fã*, está intrinsecamente relacionado às novas tecnologias e, conseqüentemente, aos mais diversos ambientes virtuais, originando, inclusive, novos gêneros digitais pertencentes ao que chamamos de *cultura de fã*. Por conseguinte, para compreender o surgimento e construção desses novos gêneros digitais, é necessário analisar os fenômenos sócio-culturais predecessores a eles, ou seja, a cultura de fã.

O movimento que reúne, em um mesmo ambiente, diversos apreciadores de específicos elementos culturais, seja obra ou autor, por exemplo, é conhecido como *fandom*. Ou seja, é nesses ambientes, geralmente virtuais, que são encontradas diversas manifestações artísticas advindas de um objeto original. Esse objeto, por sua vez, pode ser uma obra, um autor, um

cantor, um personagem, uma música, ou qualquer outra ocorrência artística que inspire seus receptores, que, nesse caso, utilizaram de sua própria identidade, ou imaginação, para reconstruir ou (re)inserir esse objeto em um novo contexto criado de forma independente das diretrizes originais.

Nos *fandoms*, os fãs encontram-se confortáveis para cultivar, admirar, representar, criticar e recriar um universo digno de fascínio, e, por isso, há uma enorme rede de interações com variados tipos de conhecimentos específicos e de mundo compartilhados e ressignificados. Compreendemos, então, a riqueza desse momento de produção, tendo em vista essas diferentes experiências de coparticipação.

Diante dessa concentração de diferentes pessoas que, fervorosamente, apreciam um mesmo livro, por exemplo, encontraremos as mais curiosas expressões desse sentimento, a exemplo das *fanfics*.

Segundo Miranda (2009), uma *fanfic* apresenta uma cocriação de um novo texto a partir de uma obra canônica da qual foi originada. Essa (re)elaboração pode ser feita de forma colaborativa, entre dois ou mais autores, mas também individual, em que há só um sujeito encarregado dessa construção textual. Os subgêneros das *fanfics* podem ser infinitos e, em algumas plataformas, como *spirit fanfic* e *nyah*, é possível catalogar as histórias, de forma a organizá-las por tipos e diferentes subgêneros: de romance à horror; de personagens à figuras públicas; de poemas à novelas.

Corroborando com o exposto, o gênero *fanfiction* possui uma infinidade de temáticas relacionadas com os mais diversos âmbitos existentes, o que pode explicar o grande número de fãs espalhados por todo o mundo atraídos por esse universo. Esses fãs se organizam em comunidades para lerem, escreverem, compartilharem, discutirem assiduamente sobre os inúmeros assuntos que são de interesse naquele momento; eles se unem pelo vínculo da interação frenética.

Vê-se que a construção textual das *fanfics* se dá de modo processual e baseia-se em atividades realizadas em constante interação e colaboração. Nessa perspectiva, são atribuídos nomes para cada ação desempenhada pelo fã. Com base em Ribeiro e Jesus (2019), o processo nomeado *betagem* constitui numa espécie de apoio, isto é, efetiva-se na contribuição em que um fã fornece ao fã-autor para a elaboração da história. Esse fã, que lê e avalia o texto é chamado de *beta reader*, um fã-colaborador.

Outro aspecto decorrente desses ambientes é justamente o papel do fã e leitor, que, ao assumir uma postura ativa sobre seu objeto de admiração, torna-se autor ou editor de uma nova obra. Diante dessa perspectiva, é possível observar uma nova construção do sujeito-leitor

perante o texto, em que, diferentemente da literatura canônica e teórica, há uma enorme fluidez de papéis que atuam na construção do texto, ou seja, é possível que esse leitor externe suas impressões, colocações e criações.

Visto as características aqui apresentadas, nota-se que as *fanfics* contêm uma estrutura que foge do estático, do comum. Cria-se, então, um mundo diferente do já habituado e vivenciado; o padronizado cede lugar ao mundo criativo e inesperado, construído por várias mãos em um intenso movimento interacional. Esse modo diferente de criar e reinventar histórias possui características que nos faz aproximar o fenômeno *fanfiction* da teoria da carnavalização bakhtiniana. Passemos, então, à próxima seção para adentrarmos nas características da carnavalização com o olhar voltado, especificamente, para o seu caráter ambivalente.

4 A carnavalização e a ambivalência

Numa abordagem histórica, o Carnaval pode ser datado na era medieval e renascentista, sendo conceituado como um conjunto de manifestações da cultura popular desses períodos. De acordo com Bakhtin (1993), no período das festividades do Carnaval, por exemplo, uma segunda vida, uma vida não oficial, poderia ser experienciada por seus participantes. Nela, todo um conjunto de símbolos e rituais não aceitos no cotidiano eram permitidos e a lógica da vida se tornava outra. Porém, mais do que um conjunto cultural limitado histórica e geograficamente, o carnaval se engendra como princípio constitutivo de compreensão do mundo. Nesse sentido, o carnaval como manifestação de visão de mundo se apresenta através de um sistema de imagens característico denominado realismo *grotesco*. Para Bakhtin (1993):

No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolivelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo (BAKHTIN, 1993, p.17).

Neste conjunto de imagens carnavalescas, há uma série de símbolos e conceitos que nos permite identificar a carnavalização em um determinado texto. Entre eles temos: o riso, a ambivalência, a loucura, o contato familiar, o baixo corporal e a máscara. No presente artigo, como exposto, nosso foco está no espectro da ambivalência, que está intrinsecamente ligada ao livre contato familiar. Nas palavras de Bakhtin (2010):

A familiarização está relacionada à terceira categoria da cosmovisão carnavalesca: as *mésalliances* carnavalescas. A livre relação familiar estende-se a tudo: a todos os valores, idéias, fenômenos e coisas. Entram nos contatos e combinações carnavalescas todos os elementos antes fechados, separados e distanciados uns dos outros pela cosmovisão hierárquica extracarnavalesca. O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc. (BAKHTIN, 2010. p. CXL).

As especificações da ambivalência, ou *mésalliances*, são mais do que simples opostos sendo apresentados face-a-face; são aproximações ambivalentes, que não desconsideram um termo em prol do outro, que não coloca um elemento acima de seu oposto e vice versa. A aproximação carnavalesca é desprovida do teor negativo e as *mésalliances* entram em contato umas com as outras em harmonia. Todas as imagens do carnaval são biunívocas, englobam campos opostos: a morte e o nascimento, a bênção e a maldição, os elogios e os insultos, a juventude e a velhice, o alto e o baixo, enfim, toda espécie de pareamento de imagens que causem contraste.

Derivando dessa concepção de ambivalência do carnaval, podemos analisar também o teor do riso e da paródia carnavalescas. Na literatura carnavalizada, o riso não é negativo, sarcástico, e, portanto o teor paródico da obra tampouco é irônico, mas ambivalente. Para Bakhtin (1993), “o riso abrange os dois pólos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria crise” (BAKHTIN, 1993, p. CXLIV). No ato do riso carnavalesco vemos combinados todas essas *mésalliances* em harmonia, um termo transformando o outro em um processo contínuo, eternamente inacabado, formando uma relação sempre ambivalente e permitindo a paródia carnavalesca.

Portanto, o que compete ao conceito de ambivalência, na perspectiva bakhtiniana, não se baseia num simples contraste, é antes uma aproximação dos contrários. A linguagem utilizada nessa ótica carnavalesca reflete essa ideia de inacabamento e de imperfeição, principalmente através de símbolos que aproximam *mésalliances*. Nas palavras de Bakhtin (1993):

[A cosmovisão carnavalesca] caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e do baixo (“a roda”), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias [...] (BAKHTIN, M. 1993. p.19).

Podemos constatar, então, que a ambivalência, um dos vários símbolos presentes no realismo grotesco do carnaval bakhtiniano, é de extrema importância para entender o processo

de carnavalização. É através dessa aproximação de *mésalliances* que o riso carnavalesco, não negativo, pode ser transposto para as artes. De nossa parte, estamos atentos ao fato de não simplificar o conceito de ambivalência, como apresentado por Bakhtin, encarando-a de forma complementar e não oposta. Posto isso, passemos a análise da fanfic selecionada, com o intuito de verificarmos como o conceito de carnavalização bakhtiniano nela se apresenta, tendo em vista a característica da ambivalência.

5 Desnudando uma *fanfic* carnavalizada

A *fanfic* que será analisada foi retirada do repositório chamado **Spirit Fanfics**, no qual é possível escrever, publicar, ler diversas histórias produzidas por fãs. Neste repositório, o leitor/escritor dispõe também de várias ações interativas como curtir a *fanfic*, comentar, compartilhar em outras redes sociais. No caso da plataforma **Spirit**, o leitor/escritor conta, também, com uma barra superior que o direciona para diversas ações e subáreas: *recentes*, onde apareceram as *fanfics* atualizadas e adicionadas recentemente; *destaque*, para visitação de *fanfics* que estão em destaque no momento; *aulas*, subárea onde são disponibilizados conteúdos referente Língua Portuguesa; *gêneros*, que apresenta os gêneros disponíveis para leitura, como aventura, comédia, entre outros; *categorias*, apresentando uma lista de categorias de *fanfic*, como, por exemplo, *animes*, mangás; *tags*, em que permite a visitação a uma extensa lista de tags populares e favoritas; *histórico*, onde o leitor/escritor visualiza o que já realizou dentro do repositório; *minhas histórias*, onde ficam armazenadas as *fanfics* produzidas.

Escrita pelo usuário que se identificou como *alfye_silvaax*, a *fanfic* intitulada “A história de Xuxa. Rainha dos baixinhos” apresenta uma breve sinopse, que visa orientar e introduzir o leitor no universo desenvolvido pelo autor. Ela está assim configurada:

Sinopse:

Vim aqui para escrever sobre a rainha dos baixinhos. O que vcs não conhecem sobre ela.

Vim descrever toda sua história.

Desde a Globo.

Até a Record.

Diante da sinopse exposta acima, observamos o caráter informal da linguagem, aproximando-se de marcas dialógicas observadas na oralidade, como em “vim aqui”, com a qual somos introduzidos ao objeto e figura cerne da história: a artista global Xuxa Meneghel.

Deixa-se entrever, também, que a celebridade é, hoje, reconhecida em todo cenário brasileiro por sua vasta carreira. É sabido que, entre as pessoas nascidas entre 1970 e 2005, aproximadamente, existe certa falácia popularmente divulgada de concepções “satanistas” relacionados à fama de muitos artistas desse período. Nesse sentido, a apresentadora tornou-se alvo de especulações envolvendo sua carreira e a possível relação com forças ocultas.

Nota-se que, embora essas narrativas ficcionais já existissem fora do contexto escrito, ao ganhar a forma de uma *fanfic*, ela ajuda a consolidar tais hipóteses diante do nicho de leitores daquele conteúdo. Por isso, destacamos que é preciso haver o cuidado de, ao consumir ou produzir esse tipo de conteúdo, esclarecer ou compreender que aquela história não tem, necessariamente, relação com a veracidade e pode ser considerada um Universo Alternativo (AU).

Apesar de a *fanfic* em questão ser pequena (constando apenas quatro capítulos e 568 palavras no total), pudemos notar que ela é fortemente ancorada em *mésalliances*. Toda a narrativa é traçada a partir de três pares ambivalentes, sendo eles: o satanismo e o evangelismo, o sucesso e a falta de audiência, e a Globo e a Record. Vejamos essas características em trechos da *fanfic* em análise. Iniciemos pelo trecho abaixo, retirado do Capítulo 1, Xuxa Na Globo, que introduz a narrativa explicando que, pela falta de audiência na rede Globo, Xuxa busca o sucesso através do satanismo:

Como não estava recebendo mais na Globo por não ter mais seu programa, ela resolveu tentar o satanismo, para ver se ganharia outro programa, ter super Audiência e ganhar seus milhões de volta.

Ela vendeu sua alma, em uma seita, em troca de audiência, um programa de volta e seus milhões de reais.

No exato dia 25/03/2007 a Globo ligou para Xuxa, falando que era pra ela ir direto para os estúdios Globo. Chegando lá ela avistou seu novo estúdio de seu novo programa, que iria estreiar no dia seguinte.

Já nesse primeiro capítulo, vemos que o principal impulsor da história é a falta de audiência que Xuxa estava sofrendo em 2007. Essa falta, que já no mesmo capítulo se contrasta com “um programa de volta e seus milhões de reais” que ela pede em troca de sua alma, é também o que gera uma outra *mésalliance*, que é explorada à medida que a história progride: o satanismo e o evangelismo. No capítulo 2, intitulado de “O programa de Xuxa é encerrado”,

vemos que o desfecho final do pacto é a volta ao mesmo estágio que motiva a narrativa: a falta de audiência. Perdendo a audiência, ela resolve se converter ao evangelismo.

No Capítulo 3, chamado de “Xuxa começa a sofrer com seu pacto”, é exposto que ela passou a sofrer com as críticas que recebeu depois de seu pacto satanista ter sido exposto, o que a motivou a buscar o evangelismo. Aqui podemos ver a progressão da personagem na *mésalliance* satanismo-evangelismo com maior clareza. Tomemos o trecho seguinte dessa parte para análise:

Ela aceitou Deus na vida dela, e desde ali foi recomeçando a vida dela. Começou a receber seu salário da Globo.

Tudo bem até aqui!

Semanas depois, alguém divulgou que Xuxa teria aceitado Jesus em sua vida. Bom se você que está lendo não sabe, vai saber agora.

Pra alguém trabalhar na Rede Globo, e obrigado a se converter ao Satanismo ou ao Espiritismo.

É importante lembrarmos que a ambivalência bakhtiniana não concebe opostos em posições polares, um negativo e outro positivo. Vemos que o satanismo gerou como valor imediato um lucro e um programa, mas a longo prazo a levou à mesma situação do início da história: a falta de audiência. Também o evangelismo, como valor imediato, trouxe seu salário de volta, mas eventualmente a levou a ser despedida, pois, na narrativa, a Rede Globo obrigaria seus funcionários a se converterem ao satanismo ou ao espiritismo. Também, a relação de naturalidade com que o satanismo, geralmente abordado em narrativas como um elemento negativo, é tratado na história, fazendo inclusive parte de uma política de uma emissora, denota a ambivalência nesta *fanfic*. A paródia carnavalesca é sempre ambivalente, não admite opostos absolutos, como vimos em nossa fundamentação teórica.

A expulsão da Rede Globo por conta de sua crença a leva, em última instância, a trabalhar na Record, e as consequências disso são explicadas no quarto e último capítulo, intitulado “Xuxa e contratada pela Record”. Na contraposição das emissoras Rede Globo e Record, podemos notar uma *mésalliance*, dois termos ambivalentes. Na história, a Globo é abordada com um teor mais negativo, que controlava a vida fora do trabalho de Xuxa, como explicitado no seguinte trecho:

Xuxa com seu record de audiência, pôde esfregar na cara da Rede Globo, ultrapassando a audiência, mostrando que ela podia fazer sucesso, sem a emissora mandar em sua vida fora do trabalho, e apresentando sua criatividade em seu próprio programa.

Entretanto, mesmo nessa abordagem narrativa, o contraposto da Globo, ou seja, a Record, também apresenta aspectos de controle, como explicitado no fragmento a seguir do mesmo capítulo:

Meses depois, a Record percebeu que Xuxa não estava respeitando sua emissora, pois a Record e uma emissora evangélica (Se vcs não sabem). Por isso a Record decidiu fazer um novo programa. Um programa mais serio, um programa de família Respeitoso.

Podemos notar, portanto, que a história tem como principal motivador narrativo as *mésalliances* supracitadas. A ambivalência sucesso-falta de audiência gera o par satanismo-evangelismo, que, por sua vez, cria os opostos Globo-Record. Na *fanfic*, nenhum desses termos é sempre tratado como absoluto e, mesmo aqueles que parecem ser permanentes, como seu último programa na Record, fazem parte de um jogo intrínseco de ambivalências, de termos que confluem para um terreno neutro, onde a paródia e o riso se tornam uma força movedora e harmoniosa.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi analisar uma *fanfiction* com base nas contribuições teóricas sobre gênero discursivo e carnavalização, conceitos discutidos por Mikhail Bakhtin (1993, 2010), visando investigar de que maneira o conceito de carnavalização pode se apresentar em uma narrativa ficcional de fãs. Esse novo gênero digital cruza as experiências da carnavalização afirmadas pelo autor com suas próprias características intrínsecas através, por exemplo, da ressignificação das emoções e do sentido primário do riso.

Vimos, com a *fanfic* selecionada para análise, “A história de Xuxa. Rainha dos baixinhos”, a presença marcante de uma característica da carnavalização, a ambivalência, que foi recorrente ao longo de todo o texto, por meio de constantes dualidades, quais sejam: satanismo *versus* evangelismo, Record *versus* Globo, sucesso *versus* falta de audiência. Essa forte presença de *mésalliances* pode ser vista ao longo do desenvolver e reinventar da vida da Xuxa por causa, principalmente, das impressões pessoais que o autor da *fanfic* atribui ao universo da vida pessoal da artista. Assim, atestamos a carnavalização como um evento que

transpassa o tempo, podendo estar presente na construção de diversos gêneros emergentes, como foi o caso em questão.

Tendo em vista que a globalização tem como noção básica justamente os diversos pontos de interação, a internet tornou-se um ambiente insuperável para essas atividades, (re)alocando e redistribuindo a diversidade social em diversas áreas de prazer e saber. Sendo assim, novamente estamos inseridos na fluidez não só do gênero, mas da existência humana, pois, como exemplificamos neste artigo, nunca seremos apenas autor ou leitor, mas, interiormente e às vezes secretamente, seremos convidados a descobrir e imaginar novas formas de comunicação e de fazer história, como as *fanfics* estão oportunizando.

Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª edição revisitada. Forense Universitária, 2010.

FIORIN, J. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. 2ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **Funcionamento do gênero do discurso**. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010.

MIRANDA, Fabiana Mões. **Fandom: um novo sistema literário digital**. In: FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo (org.). *Intersecções: ciência e tecnologia, literatura e arte*. Recife: Edufpe, 2009. p 1-21.

SOERENSE, Claudiana. **A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin**. *Travessias* v.4, n.3, 2020.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. 1º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 262-306.

RIBEIRO, A. E.; JESUS, L. M. DE. **Produção de fanfictions e escrita colaborativa: uma proposta de adaptação para a sala de aula**. *Scripta*, v. 23, n. 48, p. 93-108, 30 out. 2019.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Tiago Martins da Silva

Graduando em Letras Modernas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Voluntário de Iniciação Científica. E-mail: tiagomscon@gmail.com.

Thalita Rocha Souza

Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Voluntária de Iniciação Científica. E-mail: thalitaphn1@gmail.com.

Ticiane Oliveira da Silva Caldas

Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Voluntária de Iniciação Científica. E-mail: caldastici@gmail.com.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição (PPGLin/UESB). E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.